

Apontamento sobre imagens da Europa na obra de Padre António Vieira

LUÍS MACHADO DE ABREU*

PALAVRAS-CHAVE: Padre António Vieira, Europa, Imagem, Cristandade, Profecia, Velho Mundo.

KEYWORDS: Father António Vieira, Europe, Image, Christianity, Prophecy, Old World.

1. Se nas imagens se reproduz sempre o efeito de um complexo processo de construção, a correspondência que elas mantêm com a realidade objetiva há de por força ser mediata e problemática. Quanto maior for o grau de complexidade da elaboração imagética, tanto mais as imagens se vão distanciar do ponto de partida na realidade comum. No limite, nem sequer será necessário fazer a experiência empírica de objetos espaço-temporais para deles se poderem construir imagens. Existem muitas outras vias por onde a representação perceptiva pode chegar até nós modelada pela potência criadora da arte de imaginar.

Diremos, então, que fabricar imagens da Europa não é apanágio exclusivo daqueles que lá vivem, lá viveram, ou por lá estagiaram mais ou menos brevemente. Mas, do mesmo modo, não basta ter experiência direta das realidades europeias para se garantir perfeita adequação e fiel correspondência das imagens assim construídas. Embora derivadas do contacto com o mundo empírico, as imagens adquirem vida própria, sofrem o contágio de outras instâncias dos universos cognitivo, afetivo e volitivo, e adquirem configurações ideais e simbólicas em que o traço empírico inicial se esbateu por completo.

Estas considerações sobre imagens são feitas a pensar na obra do Padre António Vieira (1608-1697) e no lugar que nela ocupa a menção da Europa. O nome do continente europeu anda, sem qualquer dúvida, impregnado de vasta polissemia, em que a diversidade de aceções chega a raiar a contradição.

* Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro. Membro do Centro de Línguas e Culturas da mesma Universidade (CLC).

O sentido geográfico, que é a mais comum referência, aparece inteiramente submerso pela abundância de significados e imagens que a ele se sobrepõem.

Acerca da pluralidade semântica do termo importa referir que procede de pressupostos ditados por critérios altamente seletivos cuja matriz se encontra na conceção teológico-política e escatológica professada por Vieira, a que a fortíssima subordinação à palavra profética conferia valor de urgência. Em nome desta urgência, aparecem mais presentes e visíveis vícios, maus exemplos e limitações associados à aventura histórica da Europa do que aspetos positivos suscetíveis de serem mobilizados para alicerçar o futuro.

Note-se que o assunto relativo à Europa, aparecendo embora em toda a obra, está longe de ser tema central dos escritos de Vieira. Surge sobretudo de passagem e só raramente merece alguma atenção mais cuidada, sem nunca chegar a ser objeto de demorada e específica análise. As referências dispersas e pontuais, contextualmente inseridas, explicam a pluralidade de perspectivas e imagens em que o assunto vai sendo delineado.

A pertença do autor ao mundo português e ao brasileiro, e a experiência de várias vezes ter atravessado o Atlântico, só por si, já dotavam o seu olhar de natural atração e perspicácia para atender e se confrontar com o desempenho da Europa no teatro do mundo. E como se não fosse isso habilitação bastante, haverá também que ter em conta o observatório privilegiado que foram para António Vieira, embaixador ao serviço de D. João IV, as três importantes missões diplomáticas junto de cortes europeias. Vejamos, pois, o que em termos de representação imagética da Europa resultou desses relacionamentos, encontros e viagens, mantendo sempre como pano de fundo a formação humanística e teológica do missionário jesuíta, de vincada raiz europeísta.

2. Podemos condensar o inventário das representações presentes na obra de Vieira no seguinte elenco: a Europa aparece identificada como espaço geográfico, foco de irradiação de saberes, Velho Mundo, teatro de guerras constantes, terra de forte competição e concorrência, Cristandade em ruínas, espaço autocentrado.

Enquanto *realidade geográfica*, a Europa tem a configuração de grande espaço continental distinto dos outros continentes da geografia ptolemaica, isto é, a Ásia e a África, com os quais tem fronteiras, e também distinto dos novos mundos mais recentemente descobertos, como são as Índias Ocidentais ou Américas. Esta entidade geográfica goza de uma função de centralidade constituída por três vetores: religioso, cultural e político. É na Europa que se encontra a cabeça da Cristandade e que estão mais fortemente estabelecidos o

Catolicismo, o Cristianismo Ortodoxo e o da Reforma protestante. É da Europa que partem os missionários a evangelizar o mundo inteiro. O florescimento das luzes do conhecimento e de algumas práticas e técnicas de domesticação das forças da natureza devem-se igualmente a iniciativas oriundas do continente europeu. No plano político, é por demais notório quanto tudo o que diz respeito a relações entre os povos tem na Europa a sua placa giratória, como de modo muito pessoal o experimentou várias vezes Vieira, nomeadamente como missionário do Maranhão para em Lisboa advogar a causa dos índios do Brasil.

Encontrava-se na Europa o principal *foco de saberes* tanto profanos como sagrados. Desde tempos remotos, gregos e romanos aí promoveram o florescimento das ciências, artes e letras. No concernente à vida da Igreja Católica com o seu gigantesco cortejo de mestres e doutores nos vários ramos do saber teológico, era ainda no continente europeu que se encontrava estabelecido o grande centro de irradiação doutrinal. Vieira, erudito conhecedor desse património religioso e intelectual, confronta-o no entanto com as novas condições criadas à reflexão teológica pela descoberta de contextos antropológicos e culturais até então simplesmente desconhecidos. Daí que ao apreço pela mais-valia doutrinal de tantos ilustres luminares do saber teológico ande associada uma nota de ironia. Vemos isso, por exemplo, quando contrapõe ao saber teórico e ao conhecimento adquirido por ouvir dizer os saberes obtidos por experiência direta de outras terras e outras gentes, ou ainda pelo registo da exemplaridade de atitudes e respostas dadas por «autores bárbaros» mas de «mente clara», como sucede no episódio do Bernardo, escravo de cerca de doze anos, natural de Angola, que Vieira conheceu e admirou na Baía (cf. Vieira, [no prelo G]: fls. 603-604). Desses mestres doutíssimos diz que «vivem na Europa e escrevem a partir da Europa. Lembrem-se com quão grande diferença se crê ou avalia o que entra pelos ouvidos ou o que se coloca diante dos olhos que não enganam!» (*ibid.*: fl. 617) E vincando mais fortemente a mesma ideia, afirma um pouco adiante: «Portanto, convém que assintais, ó mais ilustres dos teólogos, que entre os vossos juízos e os nossos olhos existe um abismo e maior do que o próprio oceano que entre nós se interpõe.» (*ibid.*: fl. 618). É notório que esta imagem da Europa, viveiro de ilustres mestres demasiado teóricos, se cruza com a imagem do Velho Mundo europeu em vias de ser ultrapassado pelas suas próprias conquistas.

«Velho Mundo» é a designação recorrentemente usada para contrapor o peso de tradições, costumes, rotinas e vícios há muito instalados em todos os níveis da vida social europeia, fazendo-a ancorar no hemisfério do passado em vez de permanecer desperta para ouvir os apelos do futuro. A força expressiva

contida nessa imagem sai reforçada em virtude da sua natureza antitética em relação ao aparecimento do Novo Mundo e aos enormes desafios por ele trazidos. Por um lado, significa que esse Velho Mundo se afigura bem mais pequeno, agora que a escala de grandeza do planeta habitado se alargou muito para além dos limites estreitos até então conhecidos. Por outro, com a extensão geográfica aumentou também a consciência das profundas alterações trazidas à existência tradicional em sectores tão diversos como as trocas comerciais e os novos produtos, a curiosidade nutrida pelo exotismo de tradições e costumes antes desconhecidos, a urgência da evangelização em ambientes imprevisíveis que levantavam difíceis interrogações ao pensamento teológico e à *praxis* pastoral. Diante de todas estas novidades, a Europa afigurava-se como mundo, que por não ser o mundo todo, muito teria a repensar e a aprender para descobrir respostas adequadas às repetidas surpresas. A este propósito, assume foros de grande audácia que Vieira atribua a grandes luminares do saber filosófico e teológico, como Francisco Suárez e outros, posições criticáveis por falta de conhecimento direto das situações concretas do Novo Mundo (*ibid.*: fls. 605 a 618).

«Dilúvio de armas», assim define Vieira a Europa transformada em «teatro de guerra permanente» (Vieira, [no prelo C]: fl. 841). Desde as invasões dos bárbaros que saquearam e destruíram Roma, passando pelas guerras entre senhores feudais, ameaças do poderio muçulmano, desafios do império dos Otomanos, sem esquecer as guerras de religião e outros confrontos bélicos entre reinos, a experiência europeia é a de um continente permanentemente afogado no «dilúvio de armas». Reconhece que a guerra que se levanta e põe em sobressalto a Cristandade muitas vezes é imposição vinda de fora a que é imperioso responder. Assim na *Clavis Prophetarum*:

Mas quem poderá deixar em silêncio aquela maoméica peste do género humano e o Império Otomano, nascido sob o signo das armas, que pelas armas defende uma seita nefanda, que pelas armas cresce e se acrescenta de dia para dia, ao modo da sua Lua, até ocupar inteiramente o mundo, consoante eles se jactam? (*Ibid.*, fl. 841).

Mas o que nesta imagem de Europa belicista se torna mais chocante é que as guerras são frequentemente travadas entre irmãos que professam a mesma fé cristã e católica. Com efeito, «vemos que, depois de recebida a fé em toda a Europa, ainda os povos cristãos e católicos não obstante se digladiam em guerras nem delas jamais seriamente se abstiveram.» (*Ibid.*: fl. 867). E o carácter sombrio deste cenário agrava-se ainda, porque: «após abertas depois de Cristo as barreiras do oceano, as armas europeias foram levadas ao novo mundo para

reduzir e em grande parte destruir aqueles povos ignorados.» (*Ibid.*: fl. 804). Não satisfeito com a autodestruição provocada pelas guerras internas, o Velho Mundo exporta a beligerância, recorrendo às armas para subjugar os povos descobertos e, em numerosos casos, para os despojar de recursos materiais e culturais e até destruir fisicamente.

As disputas bélicas decorrem do facto de existir uma *Europa* dominada pela *competição e concorrência* entre Estados. É um vasto campo onde se encontram entrincheirados Estados que competem entre si. Portugal sofre a cobiça de ingleses, franceses, holandeses e espanhóis que se aproveitam das debilidades dos portugueses para deitarem a mão às suas riquezas. Mas é precisamente nesse terreno competitivo que Portugal tem de fazer o seu jogo, indo buscar os bons exemplos e mobilizando os meios ao seu alcance para tirar proveito das situações de concorrência e de conflito entre terceiros. A carta dirigida ao Marquês de Nisa, datada de Haia em 20 de janeiro de 1648, é um magnífico documento da cobiça de holandeses e franceses e de estratégias para enfrentar com êxito os interesses em competição (cf. Vieira, 1951a: 112-113). O mesmo se diga das tentativas destinadas a obter recursos financeiros junto dos judeus portugueses para desafogar a situação do país submetido à concorrência feroz de franceses e holandeses (cf. Vieira, 1951b: 1-26). E também não foram nada pacíficas as diligências de Portugal restaurado para reatar as relações diplomáticas com a Santa Sé. A isso se refere Vieira no ano de 1670, nestes termos: «Bem sabe toda a Europa com quantos discursos, e ainda direitos mal interpretados, procurou a Política menos Cristã tentar a obediência Portuguesa, em tantos anos.» (Vieira, 2010: 197). A pertinaz oposição da diplomacia espanhola usou de todos os meios, incluindo a violência, para fazer valer os seus interesses junto da Cúria Romana. Com o envio de sucessivas embaixadas ao Papa desde 1641, sempre malogradas, Portugal só viu reatadas as relações diplomáticas com a Santa Sé, depois de restabelecida a paz com Espanha em 1668.

A realidade europeia em que se movimenta Vieira afigura-se a seus olhos como herdeira da *Cristandade em ruínas*. Os Estados e os homens políticos que os governam entregam-se a jogos de interesses e cegos egoísmos que agravam a situação já arruinada da necessária concórdia entre os povos cristãos. Mas o espírito sonhador e profético do jesuíta vislumbra, para lá do presente sombrio e adverso, a alvorada do mundo novo do Quinto Império. O meio ou instrumento para a sua realização consiste em restabelecer através da evangelização levada a todos os recantos da terra as bases de nova Cristandade.

Há em Vieira a ideia de um *Portugal* muito *maior* do que os «quatro palmos de terra que Deus nos deu na Europa». A plenitude hiperbólica que

acompanha o culto filial que nutre por Portugal ofusca por vezes que outros espaços, e nomeadamente a Europa, possam ainda luzir, embora com modesto brilho. Assim acontece no capítulo segundo do *Livro Anteprimeiro da História do Futuro*. A excelência e glória das «Esperanças de Portugal e Quinto Império do Mundo» falam tão alto que Vieira cala e apaga as histórias dos outros povos e continentes, reservando a uns o estatuto de inimigos, e a outros o de émulos. Diz ele: «Esta História será o silêncio de todas as histórias. Os inimigos lerão nela suas ruínas, os émulos suas invejas, e só Portugal suas glórias. Tal é a História, Portugueses, que vos apresento, e por isso na vossa língua.» (Vieira, 1982: 54). A confiança absoluta no compromisso assumido por Deus de proteger Portugal, robustecida pela garantia de profecias várias de crédito irrecusável aos olhos do visionário Vieira, justifica a firmeza e perenidade do destino glorioso do reino. A robustez desta confiança acaba por se exprimir pleonasticamente em desfavor da Europa. Referindo-se à teimosia espanhola que tardava a reconhecer a restauração da independência reconquistada em 1640, desafia os poderosos exércitos da potência vizinha afirmando que

[...] mais fácil será conquistar Europa, o mundo e o mesmo céu empíreo do que vencer e sujeitar Portugal, defendido e armado como está com as promessas divinas: *Coelum et terra transibunt; verba autem mea non praeteribunt* (Passarão o céu e a terra mas permanecerão as minhas palavras). (Vieira, 1982: 126).

Vistas as coisas objetivamente, este *Portugal maior* refere-se aos amplos espaços abertos pelas navegações de iniciativa lusa, indutoras de novos horizontes de globalização mercantil e de universalismo cultural e evangelizador. Mas não podemos ignorar que por esta via também se assinala e reforça a ideia de conveniente superação da fixação eurocêntrica.

3. A mundividência de Vieira dominada pelo sentido profético e pelo sobressalto apocalíptico nada tem de escapismo alimentado pelo conforto de futuros triunfantes e gloriosos. É, acima de tudo, uma luminosa e inquieta leitura das realidades e urgências da situação presente. E a Europa, ao contrário do que se poderia imaginar, é a rede complexa das tensões europeias vividas na sua própria contemporaneidade. Assim se faz jus ao que ele mesmo escreveu no *Livro Anteprimeiro da História do Futuro*: «Eles [os historiadores e cronistas dos tempos antigos] escreveram histórias do passado para os futuros, nós escrevemos a do futuro para os presentes.» (Vieira, 1982: 45). E desta elaboração historiográfica do futuro em que está contemplada a realidade do presente não faz parte a Europa.

Em vão procuraremos em Vieira algo que mereça o nome de projeto europeu. Os grandes projetos de incidência geográfica pelos quais se empenhou a fundo, arriscando neles a própria vida, foram dois. Um estava centrado num país e tinha o título solene e promissor de «Esperanças de Portugal». O outro, situado muito além dos limites de qualquer continente, envolvia um horizonte global e chamava-se «Quinto Império do Mundo». Entre um e outro, a Europa servia apenas de cenário e palco em que o teatro do mundo, superiormente dirigido pela mão da Providência divina se encaminhava para a plena realização do Reino de Cristo consumado na Terra.

Quando avaliamos dentro deste quadro doutrinal e ideológico as muitas imagens da Europa, o que nelas prevalece continua ainda muito solidário da mundividência da Cristandade medieval. O mundo na sua dimensão geográfica e cultural, os povos e os Estados na organização política, social e económica, os homens na sua sensibilidade e exigência crítica, tudo entretanto cresceu em complexidade e, simultaneamente, a consciência histórica foi-se tornando mais atenta e mais crítica. Nada disto passou simplesmente ao lado, nem podia passar, de uma personagem a quem a invencível paixão dos futuros nunca furtou a imersão constante nos desafios do presente. Mas a Europa de Vieira continuou a ser no essencial o prolongamento da Cristandade no espaço e no tempo. No espaço, porque o Quinto Império anunciado congrega todos os povos do Velho e dos Novos Mundos no Reino de Cristo consumado na Terra. No tempo, porque a nova vinda de Cristo conduz a história da Europa e a do universo até se atingir a consumação da plenitude dos tempos.

Bibliografia

- VIEIRA, Padre António [no prelo], *Clavis Prophetarum*, ms. 706 da Biblioteca Casanatense, Roma. Tradução portuguesa de António Guimarães Pinto. [Indicado no texto por C]
- [no prelo], *Clavis Prophetarum*, ms. 359 da Biblioteca Gregoriana. Tradução portuguesa de António Guimarães Pinto. [Indicado no texto por G]
- (1982), *História do Futuro*, Introdução, actualização do texto e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- (1951a), *Obras Escolhidas*, Prefácio e notas de António Sérgio e Hernâni Cidade, vol. I: *Cartas I*, Lisboa, Livraria Sá da Costa.
- (1951b), *Obras Escolhidas*, Prefácio e notas de António Sérgio e Hernâni Cidade, vol. IV: *Obras Várias II*, Lisboa, Livraria Sá da Costa.

- (2010) *Sermões* II, Direção Científica de Arnaldo do Espírito Santo, Consultoria Científica de Aníbal Pinto de Castro, Estabelecimento do texto e aparato crítico elaborado por Arnaldo do Espírito Santo, Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel e Ana Paula Banza, Lisboa, Centro de Estudos de Filosofia / Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

RESUMO: Registam-se neste brevíssimo estudo as mais impressionantes imagens da Europa presentes na obra do Padre António Vieira. Predominam aí representações disfóricas e verifica-se a ausência de qualquer plano ou projeto europeu. Portugal, pelo contrário, ocupa lugar de grande relevo no quadro do profetizado Quinto Império do Mundo.

ABSTRACT: This short study foregrounds the most impressive images of Europe prevalent in the work of Father António Vieira. With most representations therein being predominantly unpleasant and/or negative it also strikes the reader as lacking a given plan or European project. Portugal, in contrast, occupies a place of great importance in the frame of the prophesied Fifth Empire of the World.